



Ex-ministra quer garantir regresso dos 'cérebros'

Investigação. Maria da Graça Carvalho defende bolsas para atrair investigadores

PATRÍCIA JESUS, em Bruxelas

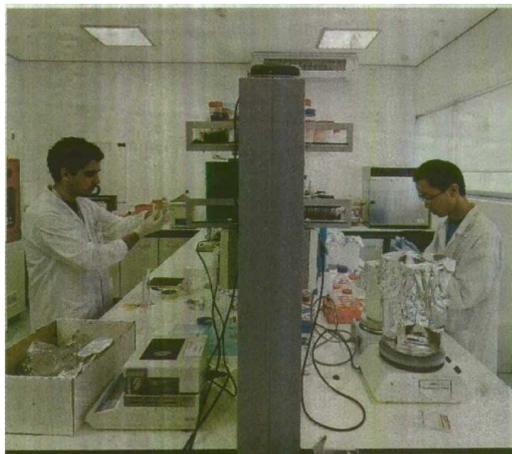
Travar a fuga de cérebros e dar condições para o regresso dos investigadores que abandonaram o País. É esse o objetivo da eurodeputada Maria da Graça Carvalho, que quer introduzir no próximo orçamento comunitário "bolsas de retorno", para incentivar os investigadores que estão a trabalhar fora da Europa a voltar. Ou para estimular os que trabalham nos Estados membros mais desenvolvidos a mudarem-se para os que têm mais dificuldades.

A ex-ministra da Ciência e Ensino Superior considera "muito provável" que as recomendações do Parlamento Europeu (PE), das quais foi relatora, sejam aceites e realça o seu valor para países como Portugal. "Isso é muito importante para investigadores, por exemplo

portugueses, que estejam espalhados pela Europa ou mesmo fora da Europa e que queiram regressar com apoio do Horizonte 2020" – o programa-quadro de apoio à investigação e inovação na União Europeia.

A condição é serem profissionais de excelência, os chamados cérebros. A recomendação quer reverter a fuga dos países mais pobres da Europa, nomeadamente do Leste e do Sul, para os mais desenvolvidos e também para os Estados Unidos, já que estas bolsas podem ser usadas para atrair investigadores de outros países para instituições europeias, explica a eurodeputada.

Outra proposta da ex-ministra é a de criar programas de geminação entre universidades e centros de investigação europeus, à semelhança dos que existem agora entre as universidades portuguesas e algumas instituições norte-america-



Geminação entre universidades europeias é outra proposta

nas, como o famoso Massachusetts Institute of Technology (MIT) ou a Universidade de Carnegie Mellon. As instituições teriam de juntar-se para se candidatar a financiamentos, potenciando a inovação nos países mais atrasados.

"É essencial que haja uma distribuição mais harmoniosa geograficamente dos fundos europeus para ciência e inovação, porque assiste-se neste momento, em vez de uma aproximação, a um desfazamento cada vez maior entre o centro da Europa e instituições muito

competitivas e a periferia da Europa." É que a crise está a fazer que países como Portugal, Grécia e Itália fiquem para trás, e os indicadores mostram-no, acrescenta.

Estas foram duas das medidas discutidas ontem nas negociações entre Parlamento Europeu, Comissão Europeia e Conselho Europeu, que ainda debatem a verba para a investigação do próximo orçamento. No último, a União Europeia canalizou 52 mil milhões de euros para este programa, mas para os próximos sete anos, já a partir de 2014,

DADOS

INVESTIGADORES

► **80%** trabalham fora da Europa. Na União há 2,5 milhões de pessoas a trabalhar em investigação e desenvolvimento, enquanto em Portugal são 52 mil.

PATENTES

► **69%** são registadas fora da Europa. A média europeia é de 4,5 pedidos por cem mil habitantes e a portuguesa é de 0,27.

PUBLICAÇÕES

► **A União Europeia** é o maior produtor de publicações científicas mundial (37% contra 31% dos Estados Unidos), no entanto contribui menos para publicações de alto impacto (muito citadas).

o Parlamento tinha pedido cem mil milhões. Ao que tudo indica, a verba deverá ser superior a 70 mil milhões.

Para as universidades e os centros de investigação portugueses interessa sobretudo a capacidade de terem candidaturas bem-sucedidas aos apoios europeus, o que nem sempre é fácil devido à burocracia que estes processos envolvem, lamentou António Cunha, reitor da Universidade do Minho. **A jornalista viajou a convite do Parlamento Europeu**